

A ERÓTICA DISSIDENTE: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE MULHERES TRANSEXUAIS EM CAMPO GRANDE-MS

DISSIDENT EROTICISM: EXPERIENCES AND EXPERIENCES OF TRANSEXUAL WOMEN IN CAMPO GRANDE-MS

DOI 10.5281/zenodo.7945320

Aparecido Francisco dos Reis¹
Ariel Dorneles dos Santos²
Milton Vinicius Dionisio de Souza³
Fernando de Campos Barbosa Filho⁴

RESUMO

Este artigo é parte do projeto de pesquisa “A erótica dissidente: vivências de mulheres de homens LGBTs em Mato Grosso do Sul”, realizado entre 2015-2020. Neste texto especificamente, procurou-se compreender o processo de construção das identidades de quatro mulheres transexuais, por meio dos seus relatos sobre os conflitos que perpassam esses processos tanto na questão identitária quanto de afetividade e sexualidade. Foram realizadas leituras exploratórias para delinear a temática a ser trabalhada e uma leitura aprofundada que consistiu em leitura seletiva de teóricos que pensam o corpo, a identidade e a sexualidade na perspectiva desses corpos dissidentes. Na pesquisa de campo, foram realizadas observações em grupos de interação de pessoas travestis e transexuais na rede social *Facebook* e no *Messenger*, que permitiram dar uma dimensão dos discursos proferidos, bem como entrevistas semiestruturadas presenciais que demonstraram uma dimensão similar à estudada na fase de revisão literária, mas com trajetos próprios que permitiram assimilar questões da identidade também sob a perspectiva biológica e psicológica, além da cultural e social. Os resultados puderam mostrar a complexidade do processo de autoconhecimento e autoafirmação da identidade de gênero, assim como as questões referentes à aceitação, afetividade e sexualidade.

Palavras-chave: identidade; afetividade; transexualidade.

ABSTRACT

This article is part of the research project “Dissident eroticism: experiences of women of LGBT men in Mato Grosso do Sul”, carried out between 2015-2020. In this text specifically, we sought to understand the process of construction of the identities of four transsexual women, through their reports on the conflicts that permeate these processes both in terms of identity and affectivity and sexuality. Exploratory readings were carried out to outline the theme to be worked on and an in-depth reading that consisted of a selective reading of theorists who think about the body, identity and sexuality from the perspective of these dissident bodies. In the field research, observations were carried out in interaction groups of transvestites and transsexuals on the social network *Facebook* and *Messenger*, which allowed to give a dimension of the

¹ Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Ciências Sociais. Cidade Universitária s/n - 79970900. E-mail: aparecido.reis@ufms.br

² Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás.

³ Formando em Ciências Sociais na UFMS e auxiliar de pesquisa de campo.

⁴ Formando em Ciências Sociais na UFMS- Pesquisador do PIBIC/UFMS 2019-2020.

speeches given, as well as semi-structured face-to-face interviews that showed a similar dimension to that studied in the review phase. literary, but with their own paths that allowed them to assimilate questions of identity also from the biological and psychological perspective, in addition to the cultural and social. The results were able to show the complexity of the process of self-knowledge and self-affirmation of gender identity, as well as issues related to acceptance, affectivity and sexuality.

Keywords: identity, affectivity, transsexuality

1 INTRODUÇÃO

A identidade de gênero está atrelada socialmente ao sistema binário da correspondência entre sexo e gênero. No caso das pessoas trans, o termo identidade de gênero afirma um gênero diferente, do qual a pessoa foi designada por conta do seu sexo biológico. O processo de negar e construir novas identidades deve ser entendido como uma ação em busca de fazer reconhecer uma identidade que, muitas vezes, não está contida no regime de inteligibilidade do que é ser homem ou mulher – no caso das identidades binárias – de negação ou combinações diversas no caso de identidades não-binárias.

Experiências de identidade de gênero com pessoas trans demonstram uma complexidade tanto da necessidade de afirmar, quanto de se colocar em sociedade devido aos estigmas de violências que marginalizam ou objetificam esses sujeitos.

Afirmar que a transexualidade é uma experiência identitária, que está relacionada à capacidade dos sujeitos construírem novos sentidos para os masculinos e os femininos, não significa esquecer a dor e a angústia que marcam as subjetividades daqueles que sentem e desejam viver experiências que lhes são interditas por não terem comportamentos considerados apropriados para seus sexos. (BENTO, 2008, p. 19)

O caminho na construção dessas identidades e da relação com a afetividade são bem semelhantes e marcados pela angústia de nomear sentimentos e desejos divergentes do considerado normativo. A orientação sexual, apesar de se distinguir da identidade de gênero, também se faz presente no processo de assimilação e compreensão de si. Warner (1993) aponta que de forma autoritária os indivíduos são rotulados de acordo com a noção biológica onde o pênis está em sincronia com o masculino e a vagina com o feminino, socializando esses indivíduos para comportamentos condizentes com as normas parentadas a esses gêneros. Essas normas parentadas também estão de acordo com a heterossexualidade compulsória,

ou seja, a heterossexualidade é apresentada como a única forma normal de viver a experiência afetivo-sexual e essa é reiterada na sociedade em suas diversas instâncias.

O que se mostra muito comum entre as mulheres transexuais e travestis é de serem alocadas como homens gays afeminados. Isso porque a sociedade classifica como desviante o sujeito que tendo nascido com um chamado sexo masculino não cumpre o papel social de um homem e por consequência heterossexual (RUBIN, 2012), tornando-se um indivíduo inferiorizado por não cultivar a masculinidade vista como natural aquele corpo. Esse indivíduo é, portanto, visto como um “homem *gay*” – categoria representada por esse homem desviante – evidenciando o poder do discurso médico-biológico em relação à identidade de gênero e à orientação sexual.

Butler (2003) questiona a questão das condições biológicas que poderia se dizer compatíveis e necessárias para ser uma mulher não corresponderem sempre com a genitália dita de uma mulher – a vagina. Ou seja, é possível que um indivíduo tenha determinado código genético que lhe trará traços ditos femininos, mas nascer com pênis – órgão dito masculino –, e não se identificar como tal, entretanto, mesmo assim, o discurso médico se apoia na estética da genitália para determinar quem será homem e quem será mulher, restringindo assim o sexo a essa dualidade antagônica.

No que tange o processo de confecção da identidade, existe uma analítica da reiteração de estereótipo de mulher por parte das pessoas trans entrevistadas. Quando alguém questiona o fato de trans femininas estarem reiterando papéis de gênero e assim contribuindo de forma negativa para as lutas feministas, Bento (2008) retribui o questionamento destacando o fato de que mulheres cisgêneras também estão fazendo isso. Essa não é uma peculiaridade das pessoas trans femininas e não é só delas porque as mulheres cisgêneras ou trans femininas estão sob expectativas muito semelhantes de comportamento e de estética do que é ser feminino. É proclamado um padrão do ser feminino e as trans o fazem, o reproduzem em busca de uma realização pessoal, identitária ou também pela busca de uma passabilidade na tentativa de existir como um ser humano. Bento (2008) ainda questiona se já não é o suficiente o fato das pessoas trans se dizerem trans, ainda querem que elas acabem com os estereótipos de gênero. Só o fato delas se declararem trans já é uma ruptura com a visão médico-psico-biologizante de associar o genital a características específicas de gênero. Ou seja, isso por si só chega a ser uma contribuição ao feminismo na busca de desconstruir pressupostos que favorecem o masculino em detrimento do feminino.

2 METODOLOGIA

Como envolveu a coleta de dados por meio de entrevistas, o projeto foi cadastrado no Comitê de Ética sob o número 11912719.1.0000.0021, sendo aprovada sua execução em 29/05/2019. O estudo foi realizado com quatro mulheres trans que se identificam como travestis e/ou transexuais em Campo Grande. Teoricamente, o texto apresenta uma discussão sobre o sistema sexo-gênero-corpo e foi realizado visando compreender as diversas questões sobre essa demanda, proporcionando um aprofundamento teórico que pudesse conferir conhecimento para a percepção das especificidades desse grupo de pessoas, sobretudo a partir dos relatos das entrevistadas.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas após um roteiro que visava pontuar os processos de confecção da identidade da população estabelecida, bem como apreender, se caso possível, a intersecção desse processo com relações de classe – trabalho, afetividade – sexualidade e a interação com as diversas instituições sociais. Em todas as entrevistas foram solicitadas permissões para gravação e reprodução dos diálogos. As gravações presenciais foram registradas em um telefone móvel e as conversas *on-line*, se deram por meio do grupo de interação do *Messenger*, sendo esclarecido às informantes, a participação delas na pesquisa. Além disso, foram realizadas observações em diversos grupos da rede social *Facebook* para compreender melhor os processos de confecção da identidade dessa população. Grupos esses restritos à comunidade de transexuais e travestis, o que foi possível o acesso devido ao fato de uma das autoras desse trabalho ser travesti.

Após as gravações, as entrevistas foram transcritas para uma melhor análise do conteúdo e avaliação da dimensão do conteúdo colhido para até mesmo projetar a necessidade de novas entrevistas. Assim sendo, as entrevistadas, no total de quatro (4), sendo duas (2) presenciais e duas no grupo de interações do *Facebook*, através do aplicativo *Messenger*, disponibilizaram informações para que pudéssemos compreender melhor os processos particulares traçando um panorama desse público em geral, pois, apesar de caracterizadas por pessoas de classe, idade, nível escolar bem distintos, as respostas quanto ao auto reconhecimento sobre a transexualidade e o processo de afetividade com outros indivíduos foram similares. O mesmo ocorreu com a visão essencializada da figura feminina e das dificuldades ocasionadas pelo que podemos caracterizar como socialização masculina. Ressalta-se que apenas duas entrevistas, escolheram nomes para serem identificadas.

As conversas presenciais e online duraram aproximadamente 40 minutos e os locais, bem como as datas e horários foram negociados com as entrevistadas a fim de permitir

que essas o definissem, não interferindo assim nos processos particulares de processamento da exposição que, de certo modo, a entrevista poderia causar mesmo que não intencionalmente.

3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Neste artigo, faz-se o exame das construções corporais e identitárias da trajetória de quatro mulheres trans, a fim de compreender suas trajetórias afetivas, sexuais e questionar as estruturas excludentes de uma sociedade que viola, marginaliza, silencia e até mata travestis e transexuais, só por sair de algumas regras e se inserir em outras. Argumenta-se que, a partir de uma condição transexual, elas assumem múltiplos esquemas de dominação no corpo, ao mesmo tempo em que renunciam aos privilégios e obrigações do masculino, implementados pela naturalização do biológico e do cultural.

O texto se baseia na ideia de que as experiências trans desestabilizam o sistema sexo-gênero da sociedade heteronormativa. As pessoas trans são fugitivas de um sistema sexo-gênero que impõe identidades diferenciadas aos corpos, a partir de características genitais, inseridas em duas categorias mutuamente excludentes. Formam resistência no contexto de uma matriz cultural que estabelece a estrita coincidência entre gênero, sexo e prazer na configuração de identidades de gênero legíveis e legítimas com direitos formais.

Utiliza-se os termos "transexuais", "travestis" e "trans", como denominações que em as próprias informantes se reconhecem nos processos cotidianos de construção identitária e nas formas de autorreconhecimento, transitando do masculino para o feminino e que de diferentes maneiras intervêm em seus corpos para alcançar a imagem de gênero feminina com a qual se identificam. Nesse sentido, são categorias mais práticas de reconhecimento do que categorias rígidas para análise científica ou taxonomias que surgem exclusivamente das instituições de poder que patologizam, definem e classificam a diferença.

Categorias práticas que Halberstam (1998, p.31) chama de "taxonomias imediatas", "classificações do desejo, do físico e da subjetividade"), que são realizadas para intervir no processo hegemônico de nomear e definir. Taxonomias imediatas são categorias que usamos diariamente para interpretar nosso mundo e que funcionam tão bem que não as reconhecemos realmente.

Para analisar essas diversas manifestações, invisibilizadas pelo discurso acadêmico, Halberstam usa o tema da masculinidade feminina para explorar uma posição de sujeito que pode desafiar com sucesso os modelos hegemônicos que determinam como os gêneros

deveriam ser (1998, p. 32). Embora fosse bom poder falar aqui de "feminilidade masculina", "homens femininos" ou "feminilidade nos homens", e inverter o que Halberstam apontou, a grande maioria das trans, travestis ou transexuais tendem a rejeitar a categoria de "homens" e não se reconhecem no masculino. Ter sido um dia homem ou ter sido localizado no masculino, no caso, é algo que dói, que fere profundamente e não é uma forma desejável de identidade.

O fenômeno trans se insere no campo das novas políticas identitárias e se relaciona especificamente com o que hoje se denomina movimento da diversidade sexual ou LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuados e outros), apesar das muitas tensões entre exclusão e inclusão, entre invisibilidade e participação, que ocorrem neste grupo social.

O que é transexual hoje está inserido em uma categoria mais ampla chamada *transgênero*, à qual pertencem pessoas que de alguma forma questionam a continuidade imposta entre sexo biológico, gênero cultural e a segmentação estrita de masculino e feminino. Esta categoria inclui: *travestis* (às vezes vestindo roupas do sexo oposto), *drag queens* (homens que se vestem como mulheres e exageram nos traços femininos, geralmente em contextos festivos), *drag kings* (mulheres que se vestem como homens e exageram os traços masculinos, geralmente em contextos festivos), transformistas (homens ou mulheres que representam personagens do gênero oposto para espetáculos), intersexuais (pessoas nascidas com genitais e corpos ambíguos, anteriormente chamados de hermafroditas)

O senso comum, assim como inúmeras doutrinas científicas, parecem concordar em afirmar que as diferenças entre o masculino e o feminino pertencem à natureza humana, que a ordem binária dos sexos é anterior a qualquer normatividade, instituição social ou significado cultural.

Fausto Sterling, (2002, p. 19) aponta que a segmentação hierárquica masculino-feminino é implantada rigidamente, através da naturalização arbitrária de uma estrutura binária —simbólica, de gênero— que organiza o cosmos, o mundo social, as coisas e os corpos. Tal divisão, fundada em um princípio androcêntrico e naturalizado, tem muito a ver com a dominação que recai sobre as mulheres, mulheres trans e outros corpos e sexualidades dissidentes.

No entanto, essa ordem de segmentação hierárquica, que traz consigo diversas formas de exclusão e violência, vem sendo questionada há algum tempo pelas mulheres e pelos movimentos feministas. É o caso das primeiras lutas emancipatórias femininas, que remontam ao Iluminismo, à Revolução Francesa e à Revolução Industrial (GOMES, 2011; MOURA, 2018) e que buscavam igualdade de direitos civis e autonomia para as mulheres, até então, sem

margem de decisão sobre seus corpos e seu trabalho reprodutivo, excluídas das esferas públicas de poder e do projeto iluminista de cidadania (igualdade, liberdade e fraternidade), destinados a homens europeus brancos, heterossexuais e burgueses.

As abordagens de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*, publicado originalmente em 1949, lançaram as bases para o desenvolvimento de uma crítica contundente das ordens naturalizadas, hierárquicas e binárias dos sexos e foram o ponto de partida para os estudos de gênero contemporâneos, que transformaram a forma como os sexos e os gêneros são pensados hoje. "Você não nasce mulher: você se torna uma. Nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define a figura que a mulher humana tem dentro da sociedade; é toda a civilização que produz esse produto [...] que é descrito como feminino" (DE BEAUVOIR, 1967, p. 7), é uma frase emblemática que revela o que antes estava sob a máscara do "natural".

Para Judith Butler, as afirmações de Beauvoir são explícitas no sentido de que uma mulher "torna-se" mulher, mas sempre sob a obrigação cultural de fazê-lo. E é claro que a obrigação não vem do "sexo". Não há nada em seu estudo que garanta que a "pessoa" que se torna mulher seja necessariamente do sexo feminino" (BUTLER, 2001, p 41).

Hoje, mais de 70 anos após sua formulação, as ideias de Simone de Beauvoir ainda são válidas nas reflexões contemporâneas sobre os corpos, sexos, sexualidades e gêneros. A crítica ao essencialismo de gênero em *O Segundo Sexo* alimenta a teoria *queer* surgida na década de 1990 e retoma elementos de algumas correntes do feminismo e frações do movimento LGBTQIA+ atualmente no Brasil. Os postulados beauvoirianos servem como fundamento ontológico, filosófico, sociológico, antropológico e político, pois refletem muitas das condições e lutas contemporâneas das mulheres e homens transexuais na busca por reconhecimento e aceitação.

A transformação de homens e mulheres trans em um outro com atributos femininos ou masculinos, pareceria uma manifestação flagrante de binarismo sexual. No entanto, é possível afirmar que nem homem nem mulher nascem, mas que um se torna um dos dois, simultânea ou sucessivamente; pode ir e vir; é possível ser outra categoria.

Nessa perspectiva, as pessoas trans encarnam novas categorias que propõem uma política corporal descentralizada, híbrida, criativa, longe de qualquer essencialismo que tente fixar identidades e que abra as portas para novas possibilidades de "liberação gradual do gênero de suas restrições binárias" (BUTLER, 1987, p. 144). É o que Butler desenvolve com o conceito de performatividade de gênero, com o qual argumenta que "o que consideramos ser uma essência interna do gênero é fabricado por meio de um conjunto sustentado de atos, postulados por meio da estilização do corpo baseada no gênero" (BUTLER, 2019, p. 16).

Um dos principais objetivos de Butler é questionar o essencialismo das identidades de gênero "legítimas", que se baseiam em uma relação causal entre sexo, gênero e desejo e em uma unidade metafísica dos três (BUTLER, 2001, p. 155). A coincidência obrigatória de sexo, gênero e práticas sexuais, imposta por uma matriz heterossexual que organiza os corpos, define identidades legítimas e legíveis e reduz as chances de ser uma pessoa coerente: mulheres como vagina devem ser femininas e homens com pênis devem ser masculinos, com a condição de que todos sejam compulsoriamente, heterossexuais. As outras possibilidades: *gays*, lésbicas, bissexuais, transexuais, andrógenos, travestis, intersexuais e onanistas aparecem como falhas ou impossibilidades lógicas. Socialmente, essas sexualidades e identidades tornam-se periféricas, ilegítimas e pertencem à "família do perverso", como "vizinhos de criminosos e parentes de loucos" (FOUCAULT, 1999, p. 53).

No entanto, para Butler, as identidades e os atos corporais que quebram essa coincidência obrigatória não apenas levantam questões sobre a ordem de gênero, mas também são legítimos —assim como politicamente necessários para a resistência à ordem corporal—, já que a coincidência de sexo, gênero e desejo não é natural, mas decretada. Assim, gênero não é uma essência que se estabelece de uma vez por todas, mas um conjunto de atos que estilizam o corpo e que na prática nos dão identidade; ou seja, o gênero é uma cópia sem original. Desse ponto de vista, as identidades transexuais e travestis não seriam manifestações "antinaturais", "artificiais" ou "desviantes", mas possibilidades coerentes que rompem com o essencialismo binário do *continuum* sexo-gênero-identidade-desejo-prazer.

É importante mencionar, no entanto, que ao lado das correntes críticas da identidade sexual e de gênero, existem correntes conservadoras que tentam evidenciar uma condição feminina essencial e aludem a elementos como o corpo feminino, maternidade, a ética do cuidado e o feminino como o outro — indefinido em uma sociedade de significados, linguagens e instituições masculinas (REIS, 2021, pp. 8-10).

Nessas perspectivas, a identidade feminina é estabelecida a partir de suas características biológicas, sagradas e do status social subalterno que as mulheres vivenciam como fundamento de suas experiências e subjetividades em uma ordem patriarcal. Sugerem que a divisão dos sexos é natural e que o gênero feminino é sustentado por uma essência corporal que o contém.

Essas abordagens são questionadas pela teoria da performatividade de gênero, que fornecem elementos analíticos necessários para pensar identidades transexuais que não são definidas por características corporais imutáveis e constitutivas por natureza, mas, ao contrário, estão em trânsito e em permanente construção. Isso pode ser observado nos relatos sobre os

trajetos das experiências transexuais e travestis, não como patologias, mas como uma série de possibilidades no corpo, sexo e gênero, são necessárias perspectivas críticas, desestabilizadoras e construtivista.

Pode-se perceber pelo relato de Paulo que as categorias sexo, gênero e desejo não são uma estrutura rígida e permanente. Paulo já foi garoto, garota, travesti e na época da entrevista estava transicionando novamente para homem, embora ainda queira ser chamada pelos pronomes femininos. Relata que está em uma transição, pois durante muito tempo se vestiu de mulher, mas que hoje já não quer fazê-lo. Segundo ela, até a alguns anos atrás se alguém lhe dissesse para colocar uma calça se magoaria. Vestia-se o tempo todo de mulher e tirava a barba com pinça ou cera, se sentia magoada quando reconhecida como homem:

Eu comecei a sentir uma sensação, eu não sei explicar, comecei sentir que eu queria, deveria me comportar como um garoto me vestir normalmente, mais que eu só andava como garota, é aí que eu fui sentindo essa vontade natural dentro de mim que eu deveria colocar uma calça e uma camisa, e me comportar como ele, e eu comecei a estranhar porque eu fui trans praticamente quase uns 20 anos de transexual, mas senti vontade de me comportar como ele, e aí foi indo e foi indo, e teve a situação que meu cabelo caiu, daí acabou o meu encanto. Eu não sei se é imaginação, esse desejo de me comportar como ele e hoje eu tô me sentindo muito bem, é legal, me monto de vez em quando, me monto, mas não tenho vontade, tenho peruca, produção, nem ligo, tá lá dificilmente vou lá usar. As vezes uso quando algum boy pede, e eu vou assim quase sem querer me montar.

Paulo, três meses antes dessa entrevista, abriu um pequeno comércio onde trabalha. Veste-se de calça, camisa e boné e quando indagada por qual nome gostaria de ser chamada na pesquisa, escolheu o nome Paulo, em homenagem a um homem por quem foi apaixonada e com quem teve um relacionamento de três anos.

Fui casado com um homem chamado Paulo muito lindo e foi um grande amor da minha vida daí uso esse nome quando preciso me disfarçar. Lindo um peão de fazenda, morei 3 anos com ele. Conheci nas carvoarias que tinha no pantanal casei com ele. Vivi três anos, fui muito feliz com ele.

O processo de assumir, para Paulo, ocorreu muito cedo, por volta dos 13 anos. Pertencente a uma família de trabalhadores rurais, Paulo empreendeu uma história de ruptura com o grupo familiar, percebendo que não poderia ter uma vivência gay ou trans, no ambiente em que vivia:

Não foi legal porque tipo assim para você se assumir a sexualidade e orientação é muito ruim eu até pensava em suicídio no começo porque sei lá é muito triste pensar por esse lado eu sempre pensava em fugir, desde pequeno

pensava em fugir de casa, no começo eu pensava que eles não iam perceber, mas na verdade a família já sabia quem não sabe que o filho é gay. Em 1995 eu vim pra cá, eu tinha 13 anos de idade, eu vim fazer minha vida, porque eu estava deixando minha família pra eles não descobrir a minha orientação sexual, eu fui embora de casa e vim morar na casa de parentes mas não deu certo, na verdade fui morar sozinho com 14 anos de idade eu já alugava um quarto, morava sozinho e pagava aluguel e me mantinha, porque a minha família é de Pernambucano, pensa num povo machista nasceu macho morreu macho.

Outra informante, Cris Ohara Lavigne, como quer ser chamada nesta pesquisa, diz se travestir o tempo todo e que raramente se veste como pertencente ao gênero masculino, normalmente em momentos de tensão e conflito:

Sim 24 horas, tem alguns momentos que me visto como homem, mas são momentos em que estou muito mal com a cabeça virada. Sim, eu não me vejo como uma mulher, eu me vejo como uma transexual. Nunca me vi como mulher, eu sou uma figura feminina, gosto assim, eu sei que sou homem, nasci homem, sabe né fisicamente, só que eu quero ser feminino entendeu?

Embora sempre tenha se sentido como feminina, em seu relato afirma, que para se assumir transexual é necessária muita coragem, que só conseguiu essa passagem quando tinha 23 anos, com apoio do namorado.

Eu já tinha vontade de ser trans, só que eu pensava que não vai ser legal certas coisas, pensava, jamais vou ser travesti, mas minha alma era feminina, entendeu, minha alma era feminina e eu gostava de me ver, e o que mais me deu força para ser como eu sou foi eu ter me envolvido com um rapaz, daí me apaixonei por ele e tipo assim eu não queria q ele me visse como um homem, daí eu fui tomando hormônio e foi mexendo com a minha cabeça.

No entanto, o processo de transição não ocorreu de forma abrupta, Cris segundo suas palavras, primeiro se aceitou como “homossexual” e que de início não se “aceitava” como homem gay. Por volta dos 15 anos tomou conhecimento do que significava ser homossexual e percebeu como “gay de verdade”, mas somente com a maioria, diz que assumiu sua orientação sexual para “todo mundo”: “Com 18 anos eu comecei, tipo assim, escancarar pra todo mundo, por conta das amizades na verdade eu só tinha amigo hetero e depois que eu me assumi mesmo eu passei a ter amigos homossexuais e passei a não ter mais vergonha nem medo nem receio”.

O fato de se tornar uma pessoa trans e não possui uma linearidade, Cris relata que embora sua família a aceite, em muitas ocasiões aconteceram conflitos, seja por sua mãe não aceitar seus relacionamentos amorosos com homens, seja em razão das dificuldades financeiras em manter uma vida independente, “[...] fases ruins tipo assim, teve momentos que eu briguei e até porque não podia levar meu namorado em casa, ai eu simplesmente pegava e saía para ter

privacidade, alugava uma casa e saía. Daí ficava um tempo, não dava certo e voltava pra casa da mãe”.

Cris diz que teve uma infância feliz em família, mas relata um abuso sexual sofrido na infância, com 09 anos de idade, praticado pelo irmão mais velho, filho de outro casamento de sua mãe.

Daí fui abusada sexualmente com 9 anos, fiquei assustada, eu quis contar pro meu pai, mas como ele era meu irmão fiquei com medo de meu pai matar ele ou brigar comigo e eu apanhar você entendeu? E eu fui deixando aquilo acontecer, daí passou ele foi embora, foi morar sozinho, daí eu fiquei traumatizado, tipo assim física foi essa quando eu era criança o abuso sexual.

Cris afirma que se preparou para se assumir uma pessoa trans, sabia que seria difícil e que não receberia apoio familiar, já que teve uma criação bem rígida e simplesmente decidiu pensando nas possibilidades de rejeição e aceitação, “daí eu pensei se me rejeitarem eu simplesmente vou excluir da minha vida, e as pessoas que me aceitarem eu vou ficar bem. Me preparei psicologicamente pra me assumir, e fui”.

No que diz respeito à composição da identidade dessas mulheres transexuais e travestis, pode-se perceber em suas falas uma certa essencialidade quanto à condição feminina. Quando questionadas sobre quando se perceberam trans, as entrevistadas evidenciaram que isso ocorreu na infância, quando elas não se sentiam confortáveis com a condição de homem que lhes foram designadas por terem pênis. O contato com o feminino era por meio da mãe, amigas da escola, sempre no grupo feminino o qual elas se sentiam pertencentes, mas ainda não sabiam expressar esse sentimento, essa visão de si mesmas em relação à transexualidade.

A partir de relatos de duas informantes do grupo de interação do *Facebook*, percebe-se que as mulheres transexuais e travestis são alocadas num primeiro momento, a categoria de “homem gay” pela sociedade e até por elas mesmas, reafirmando o que disseram Paulo e Cris nas entrevistas presenciais, entretanto, essa categoria “homem gay”, talvez dê conta apenas, da orientação sexual, mas não contempla a discussão em torno à identidade de gênero. Isso causou inquietações a essas duas informantes do grupo de interação, começaram a se questionar e a fazer pesquisas por conta própria, bem como interagir com outras pessoas trans em uma busca de maior entendimento dos processos que estavam vivenciando. Essa categoria de “homem gay” era atrelada a elas devido à feminilidade de suas performances, mas reproduzia o sistema sexo, gênero, prazer, mantendo a lógica biológica pênis-homem-masculino.

Em certos pontos das entrevistas, as informantes também pontuaram que o fato de se identificarem enquanto mulheres transexuais ou travestis não as estagnaram nessa categoria como se essa fosse engessada, universal ou estática, pelo contrário, elas entendiam de modo geral o gênero como algo fluido. A percepção da transexualidade e travestilidade dessas pessoas coloca em questionamento a categoria mulher, as categorias transexuais e travesti, pois, para elas podem existir diversas possibilidades de identificação e construção desses indivíduos que não estão condicionadas a uma visão apenas estética dessas categorias, mas sobretudo pessoal de autorreconhecimento.

Em um dos relatos, uma entrevistada narra uma forma que encontrou para demonstrar a transexualidade para a mãe. Já se reconhecendo trans, uma vez viu uma notícia sobre uma pessoa transgênero na televisão, chamou a mãe para assistir e disse a ela que era daquela forma que se reconhecia, tempos depois apareceu algo sobre uma mulher transexual e ela fez o mesmo procedimento com a mãe, e mais recentemente ela viu na televisão algo sobre mulher biológica e fez o mesmo procedimento com a mãe dizendo que ela era daquela forma (nesse caso, a entrevistada possuía uma disfunção hormonal, detectada ainda na infância, que fazia com ela desenvolvesse a mama, não desenvolvesse tantos pelos pelo corpo, principalmente barba, e por isso ela conseguia se reconhecer também nessa categoria). Assim, ela também pode perceber que aquela identidade que estava usando até então não a abarcava por completo. O que serve como contestação para o discurso biologizante do sexo-gênero que restringe o indivíduo como se o gênero não fosse algo a se construir social e culturalmente.

Ainda nas observações nos grupos de interação do *Facebook*, ficou evidente a reclamação dessa população quanto à objetificação dos corpos. Principalmente dos corpos ditos mais afeminados ou assimilados a uma mulheridade. Isso porque ao estabelecer uma relação afetivo-sexual com outra pessoa, fica evidente que a questão sexual se sobrepõe a afetividade, ou seja, existe sempre um interesse pelo ato sexual, partindo de uma visão de corpos trans hipersexualizados, e a explicação das pessoas trans que se dizem objetificadas reafirma a ideia de que seus parceiros afetivos e sexuais se sentem envergonhados e receosos de serem vistos ao lado de uma travesti ou transexual. Seus parceiros temem ser vistos e marginalizados por amigos, conhecidos e mesmo, pela sociedade, por manterem um relacionamento público com pessoas consideradas como abjetas. Nesse sentido, as vivências afetivas só podem ser desfrutadas no ambiente privado e dimensionadas pelo ato sexual.

O medo de uma represália social, o medo do questionamento da sexualidade, do questionamento da dignidade dos parceiros com quem elas se relacionam ocultamente é, sem dúvida, o medo de ser vítima do preconceito e do julgamento social. Preconceito esse sofrido

por estarem compartilhando de uma experiência afetivo-sexual com um ser considerado abjeto, um ser que foge às normas, um ser que se quer tem a sua materialidade considerada desimportante, sequer é considerada uma vida relevante, que tem desejo ou direito à afetividade.

Nas observações pela rede social, muitas delas, sobretudo, as mulheres que têm passabilidade, declaram que acabam não dizendo aos seus parceiros, no primeiro momento, que são trans, porque também estão em busca de estabelecer laços afetivos e não apenas sexuais, entretanto, essa é uma ação que nem sempre funciona, muitas acabando em situações de violência verbal e física contra elas, geralmente, praticada por seus parceiros.

Para Foucault (1999), esse processo de construção da afetividade permite pensar a sociedade como tendendo a promover apenas a uma união de indivíduos heterossexuais – e aqui a ênfase recai sobre afetividade de heterossexuais cisgêneros – por meio das instituições e das relações sociais. É fácil exemplificar isso quando uma mulher diz estar a procurar por um relacionamento e alguém sugerir algum homem como parceiro, ou quando se está namorando, e alguém pergunta: “qual o nome dele?” ou “como ele é?” acreditando que essa mulher está necessariamente se relacionando com um homem, via lógica da heterossexualidade compulsória. O mesmo ocorre com os homens.

Entretanto, para Foucault, os indivíduos homossexuais – e aqui coloco novamente não só homossexuais, mas pessoas transexuais e travestis por carregarem o estigma semelhante na lógica da negação afetiva – não possuem um incentivo social para estarem juntos, eles precisam produzir um sentido, inventar uma relação para justificar aquele sentimento, aquele desejo, pois as instituições sociais não proclamam uniões que fujam da normatividade cisgênera-heterossexual, fazendo com que muitas vezes esses sujeitos se concentrem apenas no ato sexual em si.

Sendo assim, não seria somente a existência do “amor verdadeiro” que faria com os homens se relacionassem com as transexuais e travestis de forma não objetificada como elas relatam, mas também a produção da lógica dessa relação sem que esse homem perdesse o caráter de homem heterossexual por se relacionar com uma travesti, por exemplo. Não somente eles, mas também essas mulheres precisam produzir discursos para alocar esses relacionamentos dentro de uma inteligibilidade própria. Com isso, casos em que a negação da condição trans ocorra, acaba sendo recorrente.

Uma das entrevistadas disse não revelar aos seus parceiros afetivos que ela era trans, além de ter uma condição de passabilidade alta, ela se relacionava sexualmente com eles de forma bastante restrita, não expondo seus órgãos sexuais. A entrevistada alega não sentir

vergonha de ser uma mulher trans, mas essa condição a marginaliza de algum modo, a colocando numa posição de subalternidade em relação aos seus parceiros afetivos.

Mas nesse caso iria além disso, pois ela queria ser reconhecida pelo parceiro afetivo como uma mulher comum que era, como ela se identificava. Ela fazia terapia hormonal, usava maquiagem, unhas pintadas e roupas ditas femininas, bem como a reiteração de um estereótipo de ser mulher para ter garantida a passabilidade que, segundo ela, a privilegiava dos preconceitos sofridos por outras mulheres trans e travestis sem passabilidade, e isso retrata a sua verdadeira condição: mulher, sem a partícula “trans”, apenas mulher.

Todavia, não há um consenso entre elas, de desejarem esconder essa condição, mas é notória a percepção de todas que isso as marginaliza aos “olhos da sociedade” e as reduzem a seres que sequer possuem todos os direitos.

Na pesquisa, não identificamos caso em que alguma tenha sido expulsa de casa após revelar ser trans, contrariando nossas pesquisas teóricas que apontavam ser essa uma atitude muito comum, o que leva muitas delas à prostituição. O que podemos entender é que nossa amostra de pesquisa pode não ter sido o suficiente para trazer essa questão, pois nos grupos de interação na rede social foi possível acompanhar diversos relatos de mulheres que foram expulsas de casas ou que sofreram violência física dos parentes.

Entretanto, de modo geral, as famílias passaram por um momento de “aceitação” dessa condição que começava com a negação. Os espaços familiares, como se pode notar nos discursos das pessoas trans, não são seguros ou acolhedores sempre, pois quando não discriminam abertamente, negam a nova condição de gênero o que torna o convívio social bem limitado.

Sobre o mercado de trabalho, as entrevistadas deixaram evidente as dificuldades enfrentadas por serem trans. Além da dificuldade de passar por uma entrevista de emprego e ser aprovada, o respeito ao nome social e a identidade de gênero são sempre considerados como irrelevantes pelos empregadores. Apesar de em alguns casos haver o reconhecimento desse direito, ainda assim há desrespeito entre alguns colegas de trabalho ou mesmo nos processos burocráticos, como na hora de colocar o nome em documentos, por exemplo, e ser chamada pelo chefe/empregador.

A prostituição e a área da beleza ainda são os locais de trabalho assimilados à população trans, porém, já com suas limitações. Uma entrevistada que se prostituiu apontou que a falta de oportunidades quando era criança e adolescente a fez seguir esse caminho, hoje aos 27 anos ela não se prostitui mais, entretanto se quisesse teria mais dificuldade porque o

mercado, segundo ela, é exigente e a cada dia surgem mais pessoas nessa área, com mais procedimentos estéticos, com menos idade, representando o desejo dos clientes.

Outra entrevistada que trabalha na área da beleza apontou as dificuldades mesmo tendo duas graduações e diversos cursos de qualificação. Segundo ela, até mesmo a área da beleza restringe as funções da população trans, pois essas não são aceitas para fazer depilação e nem limpeza de pele, pois quem a reconhece como trans desconfia de suas intenções profissionais. Ou seja, nos poucos espaços que essa população é alocada – prostituição e área da beleza – ainda precisam driblar uma série de imposições seja por ser trans ou por não estarem de acordo com uma imposição estética vigente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As identidades de pessoas trans se confeccionam a partir de construções sociais do que se entende pelo feminino e masculino, partindo da concepção binária de gênero. No caso de mulheres transexuais e travestis, isso ocorre com o uso de maquiagens e roupas tidas como socialmente femininas. Entretanto, essas formas de externalizar a identidade nem sempre são legitimadas pela coletividade. Isso porque a sociedade – tratemos da brasileira, no caso – reproduz uma classificação de corpos a partir do sistema sexo-gênero, ou seja, o sexo biológico e as inscrições corporais de gênero masculinas e femininas são o que definem quem é homem e mulher na cultura. Com essa atitude, as mulheres trans enfrentam uma resistência em relação a legitimação de suas identidades e são assim marginalizadas e alocadas a categorias de subalternidade.

O preconceito ainda parece ser um dos pontos altos que impedem as trans de terem parceiras (os) afetivos e sexuais, o que é permitido apenas no âmbito do privado, em segredo e mediado geralmente por uma objetificação desses corpos.

As diversas instituições sociais ainda restringem a presença de pessoas trans, a família é um local que nem sempre oferece o apoio necessário, principalmente na fase de descobertas e questionamentos. O mercado de trabalho, nem sempre amistoso, em poucos casos possibilita a contratação de uma travesti ou transexual para o trabalho formal em uma empresa. Do ponto de vista político e social, a demanda por reconhecimento e aceitação é tratada como irrelevante, mesmo pautas corriqueiras como uso do nome social, banheiros, pronome de tratamento, considerados fundamentais para essa população, são vistos como obstáculos para sua inserção na sociedade brasileira.

É o processo de descoberta da transexualidade embora, assinalada por essa população como algo essencial, mas por meio dos discursos percebe-se uma construção dos corpos e condutas visando a sincronia entre o corpo e a identidade reivindicada. Esse regime de construção de corpos e identidades, impacta ainda as vivências afetivo-sexuais, por meio dos preconceitos e estigmas, reduzindo o espaço de visibilidade ao restringi-las ao mundo privado e socialmente oculto.

REFERÊNCIAS

BENTO, B. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, J. Corpos que importam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. pp. 151-172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. *In*: BENHABIB, S; CORNELL, D. (Orgs.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987. p.139- 154.

DE BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. v II. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, n.17-18, p.9-79, 2002.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

GOMES, A. S. Mulheres, sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século xviii. **Matraga**, rio de janeiro, v.18 n.29, jul./dez. 2011, pp. 31-51.

HALBERSTAM, J. **Female Masculinity**. Durham: Duke University Press, 1998.

MOURA, N. A. A Primeira Onda feminista no Brasil: uma análise a partir do jornal “A Família” do século XIX (1888-1894). **Praça: Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v. 2, n. 2, p. 62-86, 2018.

REIS, A. F. Gender ideology, religion and the politics of bodies: The contemporary dispute for the control of cultural senses. **Research, Society and Development**, Vol. 10 No. 16, 2021.

RUBIN, G. **Deviations**: Durham, North Carolina: Duke University Press, 2012.

WARNER, M. **Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory.** 1 ed.
Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

Submetido em: 02/07/2022

Aceito em: 21/09/2022